

# Crise Mundial

**Tadeu Morais Sousa\***

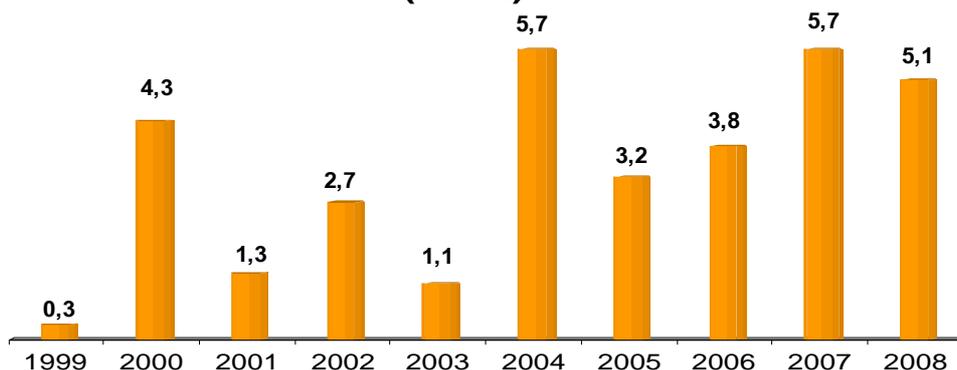
Presidente - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE  
Vice-Presidente - Sindicato Metalúrgicos de São Paulo

Após aproximadamente sete meses do epicentro da crise financeira a quebra do quarto maior banco de investimentos dos EUA o banco **Lehman Brothers**, já é possível ter um panorama dos impactos da crise em vários países bem como no Brasil. Ainda que a origem da crise tenha sido o mercado imobiliário norte-americano, ela veio tomando corpo e culminou com a quebra de grandes bancos tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Como bem lembrou um economista, “o mercado financeiro não produz um prego, mas nenhum prego pode ser produzido sem o mercado financeiro”. É essa relação estreita entre uma coisa e outra que leva as crises financeiras a contaminar o mundo real, o mundo da produção. Ademais é possível elencar pelo menos três componentes que contrastam essa crise com as demais:

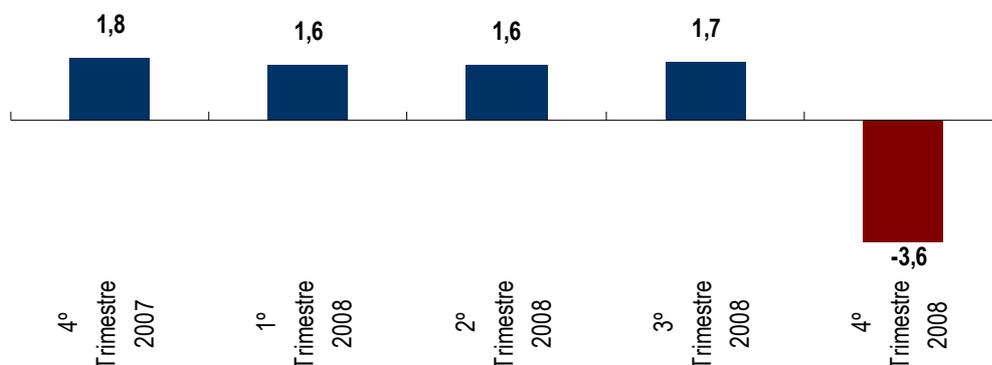
1) *crise tem um forte componente que está relacionado a quebra de confiança dos agentes, esse processo gera uma **racionalidade** individual nas pessoas e nas empresas que leva imediatamente os atores a reduzirem seus gastos e investimentos, isso ocasiona uma **irracionalidade** no plano macroeconômico*, em outras palavras, a inversão nas expectativas dos atores gerou um movimento de retração da atividade industrial e do emprego principalmente no mês de dezembro de 2008.

2) Por outro lado, a velocidade e a profundidade em que a crise se alastrou acabou atingindo setores dinâmicos da economia como a indústria. No último trimestre de 2008 a produção física da indústria brasileira sofreu uma forte desaceleração e o PIB no trimestre recuou 3,6% ainda que no ano tenha crescido 5,1%. (ver gráficos abaixo).

## Varição Anual do Produto Interno Bruto desde 1999 (em %)



**Resultado do PIB - (taxas %)  
a preço de Mercado - Brasil -Trimestral\*\***



Fonte: IBGE, Abril 2009

\*com ajuste sazonal. \*\* trimestre imediatamente anterior

Como mencionamos acima, o primeiro e o principal reflexo dessa crise no mundo real é a falta de liquidez, isto é, o crédito fica mais escasso e mais caro. Há menos dinheiro circulando pois os bancos, já com problemas de caixa, emprestam menos pois temem não receber o dinheiro de volta. Instala-se uma crise de confiança e isso é fatal. Começa a faltar capital para as empresas tocarem seus negócios. Financiamento de vendas e capital de giro ficam prejudicados. O setor imobiliário vê secarem as linhas de crédito para iniciar novas obras e os potenciais compradores de imóveis também começam a se ressentir da escassez de financiamentos. O mesmo ocorre com a produção agrícola e assim por diante.

O sistema capitalista é muito dependente do crédito. Não há possibilidade de ele funcionar sem que o sistema financeiro ofereça crédito. Os negócios, tanto do lado das empresas quanto dos consumidores, raramente são feitos à vista. Portanto, sem crédito, não há mercado, não há produção e não há emprego. Assim, retração de crédito significa desaquecimento econômico. Só para citar dois exemplos: se os prazos para a aquisição de bens duráveis (basicamente automóveis e eletrodomésticos) se reduzirem, o mercado iria se reduzir de tal forma que o emprego seria duramente atingido. O mesmo se pode falar da aquisição de residências, que necessitam crédito de longo prazo. Idem para a produção agrícola, que requer financiamento para o plantio, muito antes da safra acontecer. A escassez de crédito bate no calcanhar de Aquiles da economia de mercado.

A despeito de o sistema financeiro brasileiro apresentar maior solidez (“quem diria?”) que o norte-americano, o país não está imune a crises, mesmo porque ela é mundial. Ela provocou desemprego nos Estados Unidos e na Europa. As três grandes montadoras de automóveis americanas (GM, Ford e Chrysler) já enfrentam meses consecutivos de queda na produção devido à retração nas vendas. Recentemente, em março de 2009, as principais montadoras americanas tiveram outro mês de quedas nas vendas no seu País. A GM (General Motors) registrou um recuo de até 45% nas vendas de veículos e comerciais leves na comparação com o mesmo mês de 2008, enquanto a Ford viu suas vendas diminuírem 41%, e a Chrysler, 39%. Claro, isso se espalha por toda a cadeia produtiva, com reflexos negativos no emprego e na renda, não só das pessoas envolvidas diretamente com esse setor, mas em toda a sociedade. A Alemanha, maior economia europeia, apresentou queda do Produto Interno Bruto – PIB de 2,1% no quarto trimestre de 2008. Já havia apresentado resultado negativo de 0,5% no terceiro trimestre. Esse resultado representa a maior contração trimestral do PIB alemão desde a reunificação em 1990. A Alemanha está em recessão desde o segundo trimestre de 2008 e as previsões são de que o problema persistirá durante 2009. O FMI (Fundo Monetário Internacional) já previu que a economia da Alemanha sofrerá neste ano uma contração de 2,5%. São situações delicadas que se cristalizam nas fortes flutuações das bolsas de valores mundo a fora.

### **COMO A CRISE AFETOU O BRASIL**

Os bancos brasileiros têm caixa para emprestar. Só não o fazem como antes, porque têm receio. Conceder crédito, hoje em dia, na visão dos bancos, é um grande risco. Com tudo isso, os planos de expansão das empresas entram em compasso de espera, até se saber, com mais segurança, os rumos da economia. O engavetamento dos projetos significa redução dos investimentos e menor crescimento econômico e do emprego. Diante desse cenário a expansão da economia brasileira em 2009 será menor que nos dois anos anteriores. A criação de empregos, portanto, também será menor. A despeito de todas as medidas tomadas pelo governo para reduzir os impactos da crise, ela nos atingiu. Resta saber quanto tempo irá durar.

Além do mencionado acima, a queda do comércio exterior gerou um recuo brutal dos superávits comerciais e o aumento do déficit nas transações correntes. A saída de capitais, a partir de setembro impactou na desvalorização do real. O cancelamento de linhas de crédito no exterior, afetou setores como o de exportação e agropecuário.

## MINAS GERAIS

Em fevereiro, segundo dados do IBGE, a produção industrial de Minas Gerais ajustada sazonalmente avançou 5,7%, após crescer 2,1% em janeiro. Contudo na comparação com fevereiro de 2008, a indústria mineira **recuou 26,0%**, quarta taxa negativa consecutiva. O decréscimo foi mais intenso na indústria extrativa (-45,4%) influenciada pela forte redução na extração de minérios de ferro. A indústria de transformação (-22,5%) também mostrou queda, movimento acompanhado por oito dos 12 setores, com destaque para a metalurgia básica (-49,0%), por conta da forte redução em produtos siderúrgicos que atingem 84% dos 25 produtos investigados nessa atividade. Em seguida, vale citar as contribuições negativas vindas de veículos automotores (-25,2%), produtos de metal (-42,9%), outros produtos químicos (-30,5%) e máquinas e equipamentos (-43,3%), influenciadas pelos itens: automóveis e autopeças; latas de alumínio para embalagens e telas metálicas tecidas de fio de ferro e aço; superfosfatos e inseticidas para agricultura; e escavadeiras e eletro-portátil doméstico. Por outro lado, o impacto positivo mais relevante veio de alimentos (9,8%).

Já na análise dos dados acumulados nos últimos 12 meses, a produção industrial mineira (-4,4%) perdeu ritmo em relação a janeiro (-1,6%), mantendo a trajetória de desaceleração iniciada em junho de 2008. No acumulado do primeiro bimestre, houve **retração de 27,7%** puxada pelos resultados negativos em 11 dos 13 ramos investigados. Metalurgia básica, com queda de 49,5% continua exercendo a maior pressão negativa, seguida pela indústria extrativa (-46,0%), veículos automotores (-27,3%) e produtos químicos (-32,7%).

## SIDERURGIA

A região sudeste é a maior produtora de aço do Brasil, 95,% do aço produzido no Brasil vem dessa região, o estado de Minas Gerais produziu 29,3% do total produzido. Contudo, segundo dados do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS) a produção de aço bruto no Brasil recuou 42,4% no primeiro bimestre de 2009 frente ao mesmo período de 2008, além disso, as Siderúrgicas divulgaram na imprensa recentemente o desligamento de quase metade de altos-fornos no País, ou seja, as Siderúrgicas programaram a parada simultânea de seis dos 14 altos-fornos das grandes usinas integradas do País. *“O alto-forno é o coração de uma siderúrgica. De lá sai o ferro-gusa, material básico na fabricação das placas, vergalhões e tubos de aço. O desastre só não atinge proporções*

*maiores por causa da recente reativação das encomendas do setor automotivo, embalado pelos efeitos benéficos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI)”*

Esse fato já é percebido nos indicadores do setor, a produção de aço no Brasil recuou, no primeiro bimestre de 2009, ao menor nível de utilização de capacidade instalada de sua história, apenas 47,5% do parque siderúrgico foi mantido em produção plena em janeiro e fevereiro. Historicamente, o setor registrava índices que beiravam o uso quase integral, sempre acima de 80%.

### **MERCADO DE TRABALHO FORMAL EM MINAS**

A partir de outubro de 2008, o emprego formal no estado de Minas Gerais, segundo dados do CAGED, começou a apresentar saldos negativos, nesses cinco meses o estado perdeu cerca de **179.090** empregos formais, dezembro de 2008 foi o mês em que as demissões atingiram seu maior saldo líquido, representando **88 mil trabalhadores demitidos** e por outro lado, fevereiro de 2009 foi o mês dessa série que apresentou o menor saldo líquido negativo, foram 869 demissões. A agropecuária e extração vegetal foi o ramo que mais demitiu no estado, foram 70.054 demissões, representando 39% do saldo líquido negativo, a indústria de transformação foi o segundo ramo que mais dispensou trabalhadores nesse período, foram 63.396 demissões representando cerca de 35,3% do total de demissões. (ver tabela abaixo)

---

**Saldo entre admitidos e desligados mercado formal entre Outubro de 2008 e Fevereiro de 2009. Por ramos de Atividade Minas Gerais**

<b>Ramos de Atividade</b>	<b>Admitidos</b>	<b>Desligados</b>	<b>Saldo</b>
Extrativa mineral	3.932	6.196	-2.264
Industria de transformacao	112.836	176.232	-63.396
Servicos industr de utilidade publica	1.677	2.209	-532
Construcao civil	109.529	138.864	-29.335
Comercio	167.246	159.752	7.494
Servicos	230.789	250.584	-19.795
Administracao publica	5.136	6.344	-1.208
Agropecuuar, extr vegetal, caca e pesca	68.372	138.426	-70.054
<b>Total</b>	<b>699.517</b>	<b>878.607</b>	<b>-179.090</b>

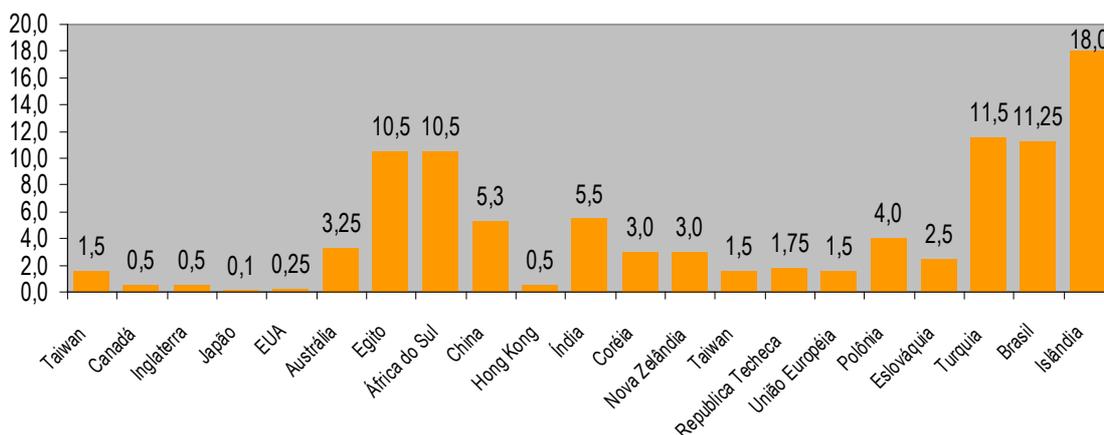
Fonte: M.T.E. Caged. Elaboração própria.

## ENFRENTAMENTO DA CRISE

O dinamismo do mercado interno é um importante aspecto para a retomada do crescimento, esse mercado foi um fator importante para o crescimento sustentável dos últimos anos. O nível das reservas cambiais brasileiras e a diversificação da pauta de exportações do país são importantes elementos para o enfrentamento da crise. Além disso, o governo tem enfrentado a crise com um elenco de medidas anticíclicas incentivando a produção e o consumo através da redução de IPI em alguns setores importantes como automobilístico e construção civil, além disso, está em curso um programa de construção de moradias que tem um forte potencial de geração de empregos, outras medidas adotadas pelo governo federal merecem destaque: i) redução do compulsório dos bancos; ii) financiamento das exportações, e da agricultura; iii) estímulo para o aumento do crédito – redução IOF; iv) alteração das alíquotas do imposto de renda;

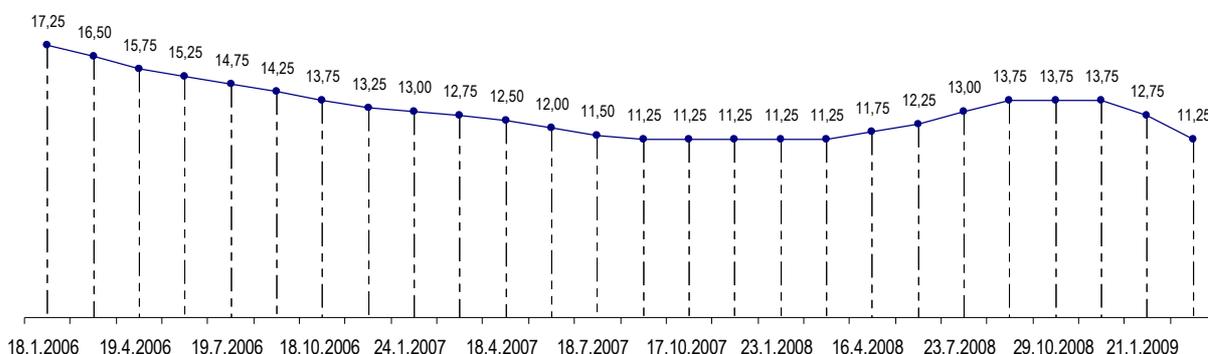
Contudo o governo federal foi lento na redução da taxa de juros básica, o Brasil foi durante muito tempo o país com a taxa de juros nominal mais elevada no mundo, recentemente com duas reduções da taxa Selic, o país passou para o terceiro lugar, os 11,25% da taxa de juros básica no Brasil só perdem para a Islândia com 18% e Turquia com 11,5%.

### Taxas básicas nominais de juros em países selecionados (a.a em %)



Fonte: Fxstreet, março 2009. Elaboração própria.

## Taxas básicas nominais de juros - Selic (a.a. em %)



Fonte: Banco Central, Abril de 2009. Elaboração Própria.

Por outro lado os governos estaduais também precisam envidar esforços para preservar empregos. A redução temporária de ICMS é uma medida importante para enfrentar a crise.

Para finalizar, acreditamos que pairam alguns desafios que a sociedade brasileira precisa enfrentar, tanto do ponto de vista macroeconômico, como no nível meso e microeconômico, são eles:

- 1) Expandir investimento público priorizando setores com forte impacto social;
- 2) Política monetária que restabeleça o crédito interbancário;
- 3) Reduzir a taxa básica de juros (Selic) para patamares compatíveis com as taxas de juros reais outros países;
- 4) Reduzir as taxas de empréstimos para pessoas físicas e empresas;
- 5) Desenvolver políticas seletivas de desoneração tributária;
- 6) Incrementar políticas seletivas de crédito;
- 7) Fortalecer políticas de apoio à agricultura familiar;
- 8) Ampliar as políticas de proteção social ( seguro desemprego, Bolsa Família entre outras)
- 9) Reforçar o sistema de seguridade social brasileiro, que exerce pael chave na distribuição de renda nacional e no combate a pobreza;
- 10) Assegurar contrapartidas sociais e de emprego na concessão de financiamentos com recursos públicos.
- 11) Preservação do emprego e da renda é a dimensão mais importante para o enfretamento da crise;
- 12) Em função da enorme incerteza conjuntural, a dimensão temporal torna-se um elemento estratégico da negociação coletiva;
- 13) Proibição das formas precárias de contratação
- 14) Política de valorização do salário mínimo;
- 15) Redução da jornada de trabalho “ reduzir a jornada é gerar empregos”
- 16) Compromisso com o pleno emprego;

- 17) Incentivo a formalização (tributação, crédito, compras do governo, entre outras)
- 18) Garantir o poder de compra da população é o elemento que fortalece o mercado interno que , no momento parece ser a principal saída para a crise